

Geoarqueologia

Julio Cezar Rubin de Rubin e Rosiclér Theodoro da Silva
(organizadores)

Resenha feita por Ulisses C. Penha
Dr. em Geologia pela UNESP-Rio Claro/SP
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
UFMG
Prof. de Geoarqueologia do IAB (Belford Roxo-RJ) e de Geofísica
do UniBH (Belo Horizonte)

A obra Geoarqueologia constitui o segundo livro deste tema editado no Brasil, ambos sob a organização dos professores Julio Rubin e Rosiclér da Silva, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da PUC de Goiás. Nada menos que vinte e oito autores, sendo vinte brasileiros, cinco argentinos e três colombianos, trazem suas contribuições sobre Geoarqueologia, cujo interesse é crescente e irreversível na comunidade de arqueólogos. Do total de capítulos, quatro são artigos de síntese sobre arqueostratigrafia, arqueometria, paleoambientes e geofísica aplicada, e os demais se referem a estudos de caso sobre tafonomia em lago vulcânico andino, ação microbiana em terras pretas amazônicas, ambientes costeiros patagônicos, processos fluviais quaternários na Amazônia, influências climáticas na destruição de sítios do Cerrado e vulcanismo e ocupação na Colômbia.

Para os brasileiros, que desconhecemos paisagens e efeitos de vulcanismos sub-recentes, em virtude de nosso país ser geotectonicamente estável, os dois artigos que relatam sítios arqueológicos dos extremos setentrional e meridional da cadeia andina oferecem uma oportunidade de “presenciar” eventos vulcânicos catastróficos do Quaternário, sem que isso invalide a amplamente aceita teoria do uniformitarismo. Assim, o artigo de Luis Borrero e colaboradores - Geoarqueología

y tafonomía en la Cuenca de Potrok Aike - discorre sobre um lago vulcânico do tipo maarna costa atlântica argentina, que representou a única fonte permanente de água doce daquela região semi-árida nos últimos 15.000 anos. Já a contribuição de Martha Cano e colaboradores - Geoarqueología en ambientes volcánicos: impactos ambientales y evidencias culturales en el Cauca medio (Centro Occidente de Colombia) - revelando a interferência dos desastres naturais provocados por erupções vulcânicas (corridas de lama, fluxo de detritos) nos processos ocupacionais holocênicos da bacia do rio Cauca, demonstra a complexidade estratigráfica de se trabalhar em sítios localizados em tais contextos.

O terceiro trabalho realizado fora do Brasil, Geoarqueología en la costa atlántica norpatagónica: contexto geomorfológico, cronológico y ambiental del registro litoral, de Cristian Dubois, versa sobre a dinâmica natural a longo prazo em ambiente costeiro, com reflexos na distribuição crono-espacial do registro arqueológico produzido por grupos que frequentaram a costa norte-patagônica. Ele nos oferece uma oportunidade de exercitar eventuais comparações com “nossos” sambaquis litorâneos.

O trabalho de Dubois encontra paralelo com o extenso artigo de síntese de Astolfo Araújo: Geomorfologia e paleoambientes no leste da América do Sul: implicações arqueológicas. Este discorre sobre o impacto das mudanças climáticas quaternárias nas paisagens e nos eventos de ocupação humana, didaticamente contextualizadas para as cinco macro-regiões brasileiras, a partir da compilação e análise de dados palinológicos, estratigráficos, biogeográficos, de precipitação pluvial e oriundos da biologia e dos espeleotemas cársticos. É desconcertante perceber que nossa base de dados relativa a estes indicadores tem uma representatividade miúda perante as dimensões e a variedade de ambientes (e paleoambientes) do Brasil.

Um trabalho com perfis hipotéticos esclarecedores dos processos de

formação das camadas arqueológicas é o de Julio César e colaboradores, Arqueostratigrafia: processos naturais e ação antrópica. Os exemplos envolvem processos naturais e antrópicos a que estão sujeitos os vestígios materiais de sítios no Planalto Central, enfatizando a necessidade de (os novos e experientes arqueólogos) compreendermos na teoria os processos sedimentares para identificá-los na prática durante as escavações arqueológicas.

Um segundo estudo desenvolvido no Planalto Central diz respeito ao seu bioma Cerrado, patrimônio arqueológico e fenômenos climáticos: como os fenômenos IOS podem afetar os sítios arqueológicos do Bioma Cerrado, igualmente de Julio Rubin como primeiro autor. Temos neste artigo uma correlação quantitativa das oscilações climáticas capitaneadas pelo El Niño e La Niña com as mudanças de erosividade das chuvas e erodibilidade dos solos, e sua leitura nos solicita um posicionamento frente à adoção de medidas (inexistentes) de monitoramento e preservação, no contexto das mudanças climáticas, do patrimônio cultural daquela vasta e arqueologicamente fértil região.

Dois trabalhos abordam, direta ou indiretamente, as terras pretas arqueológicas paraenses, onde percebe-se o avanço analítico das pesquisas brasileiras na lide com este tema. O primeiro deles, de Maria de Lourdes Ruivo e colaboradores, denominado Diversidade da população microbiana em solos terra preta arqueológica e resíduos terra preta nova, traz-nos um levantamento da diversidade microbiana nas TPAs e nos resíduos do experimento de replicagem (as TP novas), revelando um dado contextual relevante: as diferenças microbiológicas em bactérias e fungos entre os sítios estudados refletem as distintas populações humanas que os ocuparam. O segundo, em que Dirse Kern é a primeira autora - Pesquisas arqueométricas na Amazônia, com ênfase no material cerâmico - faz um breve apanhado de artigos estrangeiros e nacionais sobre arqueometria e apresenta técnicas analíticas refinadas de identificação químico-mineralógica

de cerâmicas e de seus pigmentos procedentes de seis sítios paraenses, com e sem terra preta arqueológica.

Uma técnica herdada da Geologia e que poderia ser empregada corriqueiramente em muitos casos de pesquisas arqueológicas para minimizar tanto os esforços nas escavações quanto a destruição dos sítios pela própria pesquisa é a Geofísica. Em *Arqueologia e Geofísica: pesquisas interdisciplinares sobre o passado*, Marisa Coutinho dá-nos um histórico de utilização dos métodos geofísicos rasos em sítios de naturezas diversas e detalha duas aplicações nos estados de São Paulo e Paraná, revelando com extrema clareza as potencialidades desta ferramenta para a Arqueologia.

No artigo *Um olhar além rio: ocupações pretéritas entre ilhas e cachoeiras no alto rio Madeira-RO*, Michelle Tizuka e colaboradores analisam um trecho encachoeirado no alto vale deste rio. Após uma análise da paleoidrologia e estratigrafia fluviais, cuja dinâmica transformadora da paisagem e potencialmente destruidora de sítios durante o Holoceno estamos longe de bem conhecer, estes autores enfatizam que nos estudos sobre a formação dos sítios arqueológicos devemos ter em mente que os processos naturais são tão relevantes quanto os culturais para compreender sua gênese. A nossa aproximação (efetiva) com a Geomorfologia e a Sedimentologia quaternárias é crucial para este entendimento.

A utilidade desta obra para o público de estudantes e profissionais de Arqueologia é inegável, embora a incorporação teórica e a consolidação da prática em Geoarqueologia necessitem em muito ser ampliadas e divulgadas, pois se for aqui permitida uma derradeira reflexão sobre as possíveis causas do uso, crescente, mas ainda tímido, dos conceitos e técnicas das Geociências no fazer arqueológico no Brasil, veremos que parte delas reside nas universidades. Assim é que nossos cursos, vinculados a departamentos de História, de Ciências Sociais ou de Filosofia, e não àqueles dedicados aos estudos do

Quaternário como em vários países europeus, causam em alguma medida um desconhecimento do ferramental teórico-metodológico que as Ciências da Terra oferecem à Arqueologia* na interpretação do passado humano. Talvez não somente os processos culturais, talvez não apenas os processos naturais, mas um equilíbrio mínimo entre eles seja um bom caminho para a Arqueologia.

RUBIN, J.C.R. & DA SILVA, R.T. (Orgs.). Geoarqueologia. Editora da PUC Goiás. Goiânia, 268p., 2013.